



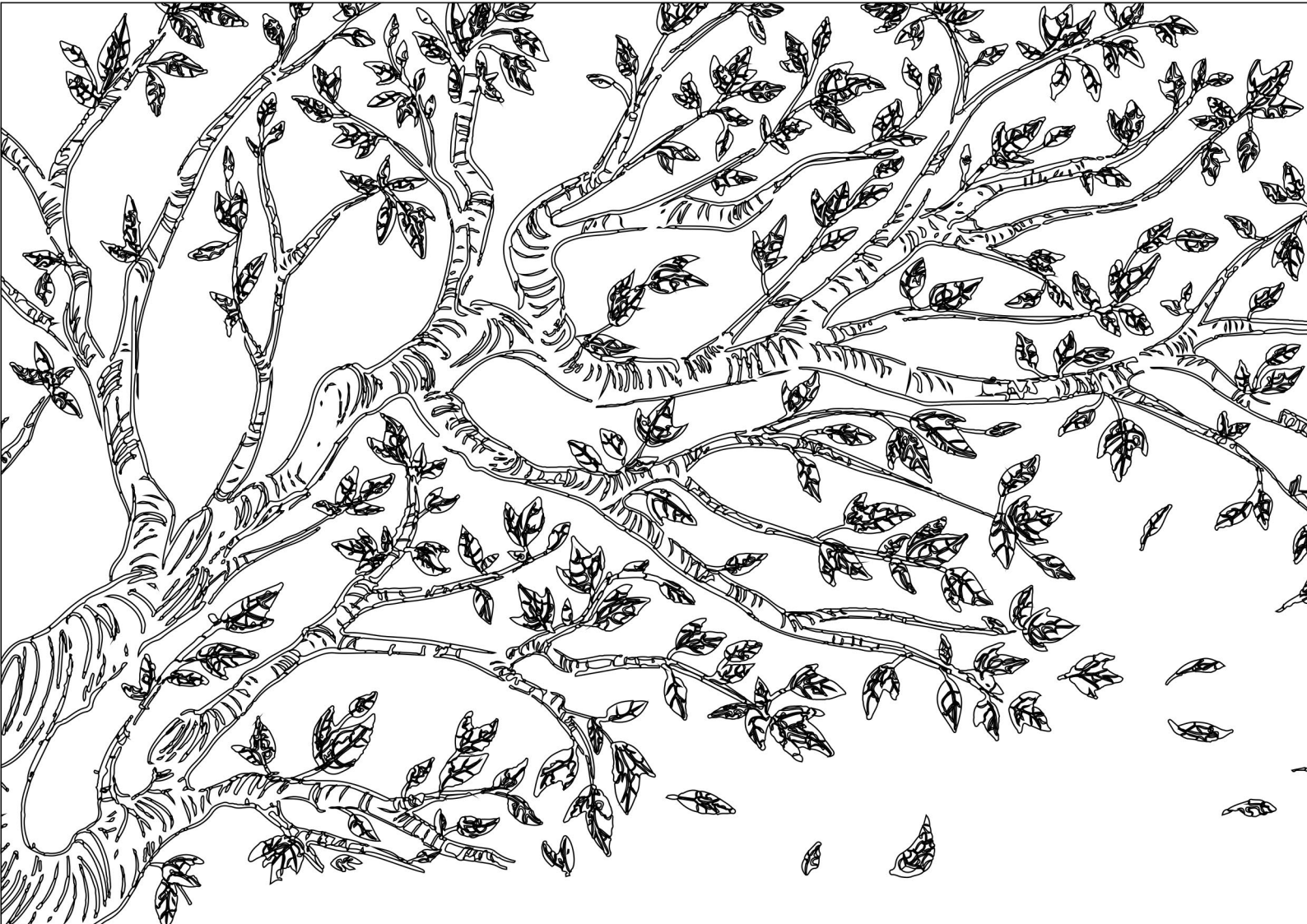
FIÇÃO E APRENDIZAGEM:

O caso Lobato e o ensino de
língua portuguesa como segunda
língua para surdos

Carlos Raniery Pereira Rocha
Hélen Cristina Pereira Rocha
Joeli Teixeira Antunes
(Organizadores)



AYA EDITORA
2021



FIÇÃO E APRENDIZAGEM:

O caso Lobato e o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos

Carlos Ranieny Pereira Rocha
Hélen Cristina Pereira Rocha
Joeli Teixeira Antunes
(Organizadores)

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadores

Carlos Ranieny Pereira Rocha

Hélen Cristina Pereira Rocha

Joeli Teixeira Antunes

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Linguística, Letras e Artes

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab.
Biomecatrônica - Poli - USP
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná
Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de
Ensino Superior dos Campos Gerais
Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos
Faculdade Rachel de Queiroz
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos
Gerais
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí
Prof.ª Ma. Silvia Apª Medeiros Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

F448 Ficção e aprendizagem: O caso Lobato e o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos [recurso eletrônico]. / Carlos Ranieny Pereira Rocha, Hélen Cristina Pereira Rocha, Joeli Teixeira Antunes (organizadores) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 50 p. – ISBN 978-65-88580-57-8

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.47573/aya.88580.3.1

1. Língua Portuguesa – Estudo e Ensino 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação. 3. Língua brasileira de sinais I. Rocha, Carlos Ranieny Pereira. II. Rocha, Hélen Cristina Pereira. III. Antunes, Joeli Teixeira IV. Título

CDD: 469

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de
Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150



**Ficção
e
Aprendizagem**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 8

01

Luz e sombra: opressão e preconceito em Monteiro Lobato 10

Hélen Cristina Pereira Rocha

Thaís de Oliveira Batista

DOI: 10.47573/aya.88580.3.1.1

02

Gamificação: recurso didático para auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de língua portuguesa..... 33

Carlos Raniery Pereira Rocha

Joeli Teixeira Antunes

DOI: 10.47573/aya.88580.3.1.2

Índice Remissivo 42

Organizadores 47



APRESENTAÇÃO

Ler e interpretar são atividades extremamente importantes e que envolvem problemas, não só semânticos, mas, culturais e ideológicos. Neste sentido ao percebermos a literatura como um produto social, no qual podemos identificar visões de mundo e valores culturais historicamente e coletivamente construídos, a tarefa de analisar qualquer obra literária que seja, constitui-se não apenas um desafio cognitivo, mas um esforço teórico-metodológico de dissecar os elementos nela presentes, a fim de visualizá-la mais globalmente. Entender a literatura sob esta perspectiva pressupõe compreender os discursos disseminados por meio de textos orais e escritos.

Assim sendo, relacionamos neste livro dois artigos que discutem tal questão.

O primeiro deles debruça-se sobre a análise dos contos “Negrinha” e “Os Negros”, do autor pré-modernista Monteiro Lobato, com o intuito de refletir sobre “A opressão e preconceito”, dois males que afetam a sociedade desde a era colonial, escravocrata, aos dias atuais, trazendo assim, diversas consequências, como a intolerância, violência, guerra. Nos contos “Negrinha” e

“Os negros” (1920), de Monteiro Lobato, evidenciamos as cruéis formas de tratamentos, que se manifestaram pela cor da pele. O negro era visto como um “objeto” perante a sociedade, “objeto” este que deveria ser menosprezado, domesticado, escravizado, até o último suspiro. Teremos como meta apresentar as ideias teóricas, práticas e fazer nossa crítica pessoal, destacando pontos centrais sobre o tema abordado.

O segundo artigo que compõe este livro, nesta mesma perspectiva de buscar ferramentas que posicionem o sujeito frente as diversas ideologias que circulam nos textos orais e escritos, volta seu escopo analítico para o sujeito surdo, demonstrando de que maneira o uso da gamificação como recurso didático pode auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.

Com efeito, o que se notará aqui é que cabe ao professor levar em consideração a funcionalidade que a língua deve ter para os sujeitos, sejam eles ouvintes ou não. O processo de ensino-aprendizagem de uma língua deve ser pensado a partir de uma abordagem comunicativa, não havendo uma preferência para sua estrutura gramatical, mas sim para a interação comunicativa contextualizada e funcional para que o aluno, partindo dela, possa apropriar-se dos conceitos gramaticais pertinentes à língua-alvo. Neste caso, as construções comunicativas ocorrem a partir de situações de interesse dos aprendizes, de forma funcional e contextualizada, descentralizando da prática da forma e, assim, tornando o aprendizado mais efetivo e significativo.

Luz e sombra: opressão e preconceito em Monteiro Lobato

Hélen Cristina Pereira Rocha

Doutoranda em Literatura brasileira (UFU); Mestre em estudos literários (UNIMONTES); Graduada em Letras/Português (UNIMONTES).

Tháís de Oliveira Batista

Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

DOI: 10.47573/aya.88580.3.1.1

Resumo

O presente artigo estudou os contos “Negrinha” e “Os Negros”, publicados originalmente em 1920, do autor pré-modernista José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), considerado um dos primeiros e mais importantes autores da literatura infantil do Brasil. A pesquisa nos leva à reflexão sobre “A opressão e preconceito”, dois males que afetam a sociedade desde a era colonial, escravocrata, aos dias atuais, trazendo assim, diversas consequências, como a intolerância, violência, guerra. Nos contos “Negrinha” e “Os negros” (1920), de Monteiro Lobato, evidenciamos as cruéis formas de tratamentos, que se manifestaram pela cor da pele. O negro era visto como um “objeto” perante a sociedade, “objeto” este que deveria ser menosprezado, domesticado, escravizado, até o último suspiro. Teremos como meta apresentar as ideias teóricas, práticas e fazer nossa crítica pessoal, destacando pontos centrais sobre o tema abordado. Levando em conta o desafio que nos espera e a urgência que nossas ações requerem, salientamos o nosso desejo por uma sociedade justa.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. preconceito. opressão. negro.

Abstract

The present article studied the short stories “Negrinha” and “Os Negros”, originally published in 1920, by pre-modernist author José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), considered one of the first and most important authors of children's literature in Brazil. The research leads us to reflect on "Oppression and Prejudice", two evils that affect society since the colonial era, slave, to the present day, thus bringing several consequences, such as intolerance, violence, war. In the tales “Negrinha” and “Os negros” (1920), by Monteiro Lobato, we highlight the cruel forms of treatment that were manifested by the color of the skin. The black was seen as an “object” before society, an “object” that should be despised, tamed, enslaved, until the last breath. We will aim to present the theoretical ideas, practices and make our personal criticism, highlighting central points on the topic addressed. Given the challenge ahead and the urgency our actions require, we underline our desire for a just society.

Keywords: Monteiro Lobato. prejudice. oppression. black.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva realizar uma análise dos contos “Negrinha” e “Os negros” (1920), do autor José Bento Renato Monteiro Lobato tendo como foco identificar o motivo pelo qual o negro é tratado como um “objeto” pela sociedade da época.

O conto “Negrinha”, publicado em 1920, descreve uma época marcada pelo preconceito racial, ditadura e opressão. A personagem-título é filha de uma escrava, com a morte desta passa a ser criada por Dona Inácia, uma senhora rica, habituada ao antigo regime escravocrata. A partir do título desse conto percebe-se o tratamento depreciativo ofertado à personagem principal no decorrer da narrativa.

O conto “Os negros”, de Monteiro Lobato, é o mais longo da coletânea “Negrinha”. Contém vinte e seis páginas, está dividido em vinte e dois capítulos. Esta narrativa semelhante ao conto “Negrinha”, é digna de nota, pois evidencia a discordância do autor em relação à discriminação racial, denuncia o aviltamento dos negros no Brasil, fruto de nossa história escravagista. O conto reúne diversos estereótipos. Um dos mais recorrentes é o do negro rude, cativo do campo, desprovido de qualquer vestígio intelectual. O destaque maior é dado à ideia de que o negro foi feito para obedecer, submeter-se, uma vez que tem a alma servil.

A ideologia branca, ao longo da história, tentou enfraquecer a participação do negro na vida social. A “boa aparência” cobrada pela época representava o oposto da negrura da pele, dos cabelos pixains, do nariz achatado... Diante desta questão de “aparência”, observa-se que, embora a cultura negra seja, hoje, visível, tolerada, respeitada, integrada nos símbolos constitutivos da cultura nacional, os homens, as mulheres negras, produtores dessa cultura, são “invisibilizados”, “linchados”.

A identificação dos limites da arte Lobateana parece colidir com a relevância da figura humana que vive na história brasileira onde já assumiu um papel simbólico. A verdade, porém, é que os limites estéticos derivam de um tipo de personalidade cuja direção básica não era a estética. Compreendê-la em sua natureza específica, sem confundir os planos, é sempre a mais honesta das formas de lembrá-la.

A narrativa Lobateana é construída em especial ao gênero textual conto, ou seja, denota uma composição associada à mistura entre a observação do que há de moderno, dos problemas da época, bem como a naturalidade com que escreve seus contos, num viés da anedota-chave.

Por fim, pretendemos então, investigar mais detidamente como a imagem do negro é construída nos contos “Negrinha” e “Os negros”, de Monteiro Lobato.

O PRÉ-MODERNISMO

Neste tópico procederemos a uma explanação necessária acerca do movimento literário que antecedeu o Modernismo no Brasil, o Pré-modernismo, e destacaremos aspectos relevantes da biografia do autor estudado, Monteiro Lobato, com a intenção de melhor compreendermos os objetivos estéticos e sociais de sua literatura, no caso deste texto em específico, dos contos “Negrinha” e “Os negros”.

Pré-modernismo: Conflito de Tendências

O Pré-Modernismo marcou a transição entre o Simbolismo/Modernismo, manifesto pela existência de várias tendências da arte. Por isso é considerado um sincretismo cultural. Tendo como características: interesse pela realidade brasileira, preferência por assuntos do cotidiano nacional de caráter social, linguagem simples e coloquial.

O termo Pré-modernismo foi criado em 1939 por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, 1893-1983) para denominar, conforme o próprio crítico de literatura. O “momento de alvoroço intelectual, marcado pelo fim da grande guerra [1914-1918], por toda uma ansiedade de renovação intelectual, que alguns anos mais tarde resultariam no movimento modernista” (ATHAYDE, 1939, p. 7).

O movimento aconteceu anos antes da Semana de Arte Moderna, em 1922. Nesse período, alguns anos após a abolição da escravatura, muitos imigrantes, em sua maioria italiana, vêm ao Brasil substituir a mão de obra rural/escrava. A urbanização em São Paulo propiciou uma nova classe social: a operária, nesse contexto, os antigos escravos são marginalizados nos centros urbanos. Os estados brasileiros passam por transformações na economia: ascensão do café no Sul/Sudeste, o declínio da cana-de-açúcar no Nordeste. O governo republicano não proporcionava ao povo garantia de esperanças, não promovia as desejadas mudanças sociais, pelo contrário, a sociedade encontrava-se dividida entre a elite detentora do dinheiro, respeito, poder das oligarquias rurais, e a classe trabalhadora rural, bem como os marginalizados nos centros urbanos. A desigualdade social culminou em diversos movimentos pelo Brasil, como a Revolta de Canudos, ocorrida no final do século XIX no sertão da Bahia, sob a liderança de Antônio Conselheiro, dentre outros movimentos de protesto às condições de vida no Nordeste. Ocorreram inclusive os movimentos protestantes no meio urbano, como a Revolta da Chibata, em 1910, contra o maltrato da Marinha à corporação, juntamente às greves dos operários.

Nesse cenário, vive-se no Brasil o Pré-Modernismo, momento literário exclusivamente brasileiro, que compreendeu-se entre a publicação do romance *Os Sertões*, de Euclídes da Cunha, em 1902, e a realização da Semana da Arte Moderna, em São Paulo, no ano de 1922; pode-se afirmar, foi um período de transição no qual coexistiram tendências renovadoras/conservadoras.

Segundo Samira Youssef Campedelli (1994):

De um lado, portanto, sobreviveu uma literatura que se utilizou de linguagem acadêmica, ornamental, que repetiu os padrões estéticos do Parnasianismo, despreocupada com questões sociais, atingindo, desta vez também, a prosa. O escritor Coelho Neto representou tipicamente essa tendência. De outro lado, emergiu uma literatura progressista, voltada para o presente, que negava o Brasil literário exaltado pelo Realismo e Parnasianismo, que se preocupava com aspectos socioculturais, da qual Lima Barreto e Monteiro Lobato foram os mais ardentes representantes. (CAMPEDELLI, 1994, p. 10).

No início do século XX surgem os primeiros indícios da crise cafeeira com a superprodução do café, a chamada crise da “República do café com leite”. Em meio a este quadro na sociedade brasileira, inicia-se no Brasil uma nova produção literária, intitulada de Pré-modernismo pelo crítico Tristão de Ataíde. Trata-se das obras literárias de um grupo de escritores que propunham as mesmas temáticas e formas que seriam enquadradas no futuro movimento literário: o Modernismo. O Pré-Modernismo brasileiro, entretanto, não é considerado por alguns autores

como uma escola literária, porque não há efetivamente um grupo de escritores que compartilhem de uma mesma linha temática ou características literárias que definam seu modo de pensar, expressar; todavia, artistas como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, assim como Monteiro Lobato, ansiavam por romper com aquilo que vinha sendo produzido (Realismo/Naturalismo) no Brasil, almejavam realizar algo novo, como as vanguardas europeias, por exemplo. Desta forma, surgem entre tais autores, obras críticas engajadas, cujo foco era a análise sociológica, psicológica do sertanejo e do sertão brasileiro. Utilizando uma abordagem coloquial, passaram a explorar temáticas históricas, sociais, econômicas, políticas, sobretudo devido ao instante pelo qual o Brasil passava.

Biografia Monteiro Lobato

José Bento Renato Monteiro Lobato, autor pioneiro da fábula no Brasil, simbolizado na literatura brasileira como um dos maiores escritores, escreveu, além de uma literatura voltada ao público infantil, muitos textos que objetivaram levar o leitor à reflexão, fazendo-o enxergar a realidade na qual estava inserido. Com sua literatura criada tanto para crianças quanto para adultos, desenvolveu diversas situações reais no imaginário das pessoas, permitindo ao leitor dialogar com sua própria realidade.

Segundo Suellen Lopes (2012), na noite de 18 de abril de 1882 nasce em Taubaté/SP, José Bento Renato Monteiro Lobato, que tem o apelido de Juca. Seu encantamento pelos livros se iniciou quando visitava seu avô, passava horas na biblioteca, gostava ainda mais dos livros ilustrados que ali havia. Seu primeiro contato com lições não foram na escola, mas sim em casa, onde sua mãe, Olímpia, o ensinou a ler, escrever e contar. Depois contrataram o professor particular Joviano Barbosa, que ficou encarregado da educação de José Bento, um pouco mais tarde ingressou numa escola particular de Taubaté.

Em 1896, Lobato inscreve-se no Instituto Ciências e Letras, auxiliou nos jornais “O Patriota” e “A pátria”, mas depois fundou seu próprio jornal, o H2O. Participa ainda do Grêmio Álvares de Azevedo, onde executavam torneios oratórios e discursos.

Quando os pais de Monteiro faleceram, o avô reconhece a guarda de Lobato e suas irmãs. A vontade de Monteiro era matricular-se na Escola de Belas Artes, no entanto, viu-se obrigado, por seu avô, a ingressar no curso de Direito, anos depois se matriculou na Faculdade de Direito em São Paulo, no ano de 1900.

Segundo Larissa Lajolo (1985), nos primeiros anos de faculdade, já era perceptível o desinteresse de Lobato pelos estudos das leis, substituindo-os pelas caricaturas que fazia de seus professores enquanto explicavam a matéria. Da mesma maneira, desinteressava-se pelas atividades estudantis.

Contudo conforme afirma Coutinho e Souza (2001), em 1904 Lobato realizou estudos primários e secundários em sua cidade natal, se formando em bacharel na Faculdade de Direito de São Paulo.

José Bento criou, em sua literatura, personagens diversos e que povoam o imaginário de diferentes leitores. Embora seus personagens tenham se eternizado no mundo infantil, Monteiro Lobato valoriza o contexto histórico, criando obras que apresentam reflexões acerca da realidade na qual estamos inseridos, alterando, assim, entre obras para crianças e adultos.

Lobato foi um homem que conquistou posições nobres a respeito de muitos assuntos da sua época. Porém, uma das características marcantes de sua literatura é o compromisso com seu tempo, em face do qual toma definitivamente uma luta por um Brasil modernizado.

Desta forma, Monteiro amplia o universo cultural dos seus leitores, tornando o ato de ler, enriquecedor. A partir do avanço da leitura, as experiências de seus leitores encontram sentido, compreensão e envolvimento com o leitor/obra.

O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: DE OBJETO A SUJEITO

A representação do negro na literatura Brasileira

Discutir sobre uma representação social em um texto literário é, antes de tudo, compreender que a definição de literatura geralmente associa-se à ideia de estética. Portanto, pode-se afirmar que um texto é literário quando produz no leitor um efeito estético ou quando consegue provocar libertação.

Segundo Patrícia Colavitti Braga (2006):

É importante pontuar que o texto literário dialoga e poetiza a história social, mas nunca a reproduz fielmente. Sendo assim, é preciso promover o ensino de Literatura focalizando-a enquanto produção estética, e não enquanto retratos históricos [...] (BRAGA, 2006, p.11).

Assim, presente também na literatura, a história da desigualdade racial no Brasil confunde-se com a própria identidade nacional, haja vista que os negros africanos escravizados foram transportados ao território brasileiro na primeira metade do século XVI como mão de obra cativa na produção açucareira que se iniciava. Desse período até a assinatura da Lei Áurea, em 1888, foram mais de três séculos de escravidão formal no país.

O preconceito racial inicia-se a partir da ideia incorreta da superioridade de um determinado grupo sobre outro em razão da cor da pele. A falta de leitura crítica leva à aceitação desse mito. Desse pensamento preconceituoso, surgem atitudes violento-discriminatórias, ocorrendo de forma explícita ou implícita em inúmeros ambientes.

O Brasil foi o último país independente do Ocidente a abolir a escravidão, após muita relutância dos que por ela se beneficiavam, conforme afirma David Brookshaw, no livro *Raça & cor na cultura brasileira* (1983).

Ao analisarmos os primeiros escritos da Literatura Brasileira, evidencia-se um etnocentrismo limitando determinados grupos sociais, percebe-se uma crença da superioridade, a qual a cultura dominante do europeu dita as regras, referenciando seus valores como universais e levando o grupo dominado a um processo de supressão da identidade. Na “Carta de Pero Vaz de Caminha”, considerado o primeiro texto literário escrito no Brasil, o escrivão já deixa claro esse processo de aculturação quando ao referir-se aos nativos, diz: “Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências.” (CAMINHA, 1963)

Essa é a primeira representação de um grupo étnico estabelecida em um texto, neste, o imaginário é marcado por uma visão etnocêntrica, representado por um homem branco, europeu, cristão, “civilizado” e colonizador que, ao citar seu arquétipo religioso cultural, faz jus que

a cultura do índio sofra um processo de invisibilidade e, a partir de então, seja seguido um ideal hegemônico. Nesta perspectiva, Souza (2005) relata que:

Se a cultura hegemônica constrói para si, um modelo de produções textuais, este modelo deverá veicular as crenças, os símbolos, os significados que ela lhe atribui e que compõe seu imaginário. Constantemente adaptado e atualizado de acordo com as necessidades e interesses de uma tradição ocidental, etnocêntrica e hegemônica. (SOUZA, 2005, p. 38).

Os aspectos abordados acima contribuíram para a formação de uma Literatura Brasileira voltada às ideologias dominantes, neste contexto, vale destacar que o grupo social mais afetado em seus escritos foi o negro, já que, esse, aparece em obras literárias como objeto, o seu personagem é quase sempre enxergado a certa distância, manifestando feitos que apontam para a estereotipação do negro dentro de uma ótica dominadora do branco. Neste panorama, a escrita das obras literárias nos mostra o negro inferiorizado etnicamente, tornando a Literatura Brasileira uma narrativa que o caracteriza somente com temas relacionados à escravidão, ocultando do mesmo sua cultura, com isso, conseqüentemente, silenciando-o como sujeito. Para Regina Dalcastagnè (2007):

De modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. (Dalcastagnè, 2007. p. 21).

A anulação, o silenciamento dos personagens negros, é demonstrada na forma de construção/representação desses indivíduos. Vemos as personagens brancas enaltecidas nas histórias, pois, em sua grande maioria, ocuparam posição privilegiada, destacando-se na sociedade. Eram representados como heróis/heroínas, mocinhos/mocinhas inocentes mesmo sofrendo ou enfrentando dificuldades, ao final, alcançavam a felicidade, conquistavam o êxito almejado durante a caminhada. Contemplados de virtudes, inteligência, considerados os indivíduos ou sujeitos “normais”.

Para os personagens negros sobrava o papel de subalternos, seres inferiores aos brancos, estavam no patamar da “anormalidade”; são os diferentes, pobres, marginalizados, estavam numa condição social, econômica/cultural inferior em relação ao branco. Ao visitarmos os contos de fadas e os clássicos da literatura infantil/juvenil constatamos tal fato: as princesas, os príncipes, heroínas/heróis das histórias seguem um modelo europeu, tanto na aparência física, quanto nos costumes. A possibilidade de encontrar um personagem negro nessas histórias é quase nula.

Do ponto de vista educativo, Suely Dulce de Castilho (2004), afirma que:

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra. (CASTILHO, 2004, p.109).

A ausência dos personagens negros e sua marginalização nas histórias acarreta, de fato, sérias conseqüências no imaginário coletivo, criando uma realidade distorcida, preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente na década de 80, sucede uma mudança nesse lamentável cenário, que tantos danos trouxeram para a formação das crianças e jovens brasileiros. Manifestam-se, nesse momento, determinados livros com propostas inovadoras, cujo objetivo central é, excepcionalmente, romper com a visão estereotipada do negro, valorizando suas tradições, o seu aspecto físico.

Com a finalidade de mudar o cenário aparente, sucederam importantes reformas curriculares, com questões referentes ao preconceito racial. O marco é a Lei 10639/03, que determina o ensino obrigatório da História e da cultura afro-brasileiras, inserindo nas escolas o estudo da História da África e dos seus povos. Com isso, construíram-se as bases e subsídios para que as escolas não só valorizassem a presença, história, cultura, participação dos negros na construção do país, como também problematizassem como se organizam as relações raciais na sociedade brasileira. São valorizações importantes de uma cultura, história que nos foi abdicada, pois, afinal, somos todos afro-brasileiros, independentemente da cor da nossa pele.

Após sancionar essa lei, debates significativos em torno do negro e sua inserção na sociedade vêm ocorrendo com maior frequência, motivando algumas experiências voltadas para a área de produção dos materiais didáticos, incluindo práticas pedagógicas que possibilitam reflexões democratizantes a respeito das relações raciais e das questões de ordem social, religiosa, étnica, que constituem a formação da sociedade brasileira.

O Brasil necessita rever seus conceitos acerca da temática racial. Para isso, novos olhares e propostas devem conduzir para a direção de uma sociedade mais igualitária e, conseqüentemente, mais democrática e justa. É um dever universal, pois engloba a todos, com isso, os ganhos são em conjunto, afinal, os preconceitos de qualquer ordem, nesse caso, o preconceito racial, conservam uma sociedade “doente”, que privilegia ou exclui pela cor da pele ou por fenótipos. Quando afirmamos ser um dever de todos, também se inclui à lista o “Estado”, afinal, a Constituição federal precisa garantir seu Art. 5º: “Todos são iguais perante a lei”. Infelizmente ainda há indivíduos declarando não haver racismo no Brasil, quando o racismo é admitido, ninguém se mostra como racista. Isso se deve ao fato da discriminação racial se realizar na dificuldade da ascensão social dos negros. E, como Florestan Fernandes explicou, nosso preconceito é dissimulado e assistemático:

Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é que o fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os “fora do sistema” ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil (FERNANDES, 1972, p.73).

Exercendo esse dever, declaramos a importância de buscar em conjunto, produções literárias que se preocupem em demonstrar a valorização do corpo, da cultura e da história dos negros, para que todos aprendam seu passado histórico, tendo condições de desenvolver-se integralmente, aptos a viver na nova ordem global que se inicia, garantindo a valorização de todas as pessoas a fim de uma sociedade justa e igualitária.

A abolição da escravatura ocorreu no dia 13 de maio de 1888 por meio da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. Segundo a lei, os escravos seriam libertos da escravidão que perdurou por quase 400 anos, no entanto, essa liberdade ficou apenas na teoria, pois, na prática, não solucionou a dificuldade dos negros, mas pelo contrário, a partir de então, outros problemas iniciaram. Os negros, que até o momento, tinham na senzala abrigo e alimento, ainda que escasso, viram-se, de repente, sem o mínimo para sobreviver, além da falta de trabalho e perspectiva de vida. Não houve preocupação em indenizá-los ou criar vagas nas escolas para recebê-los, ficou-lhes os trabalhos subalternos, mal remunerados, ou seja, restou-lhes viver praticamente na miséria, tendo muitas vezes que roubar para saciar a fome, em uma sociedade preconceituosa

que os considerava inferiores, incapazes, vagabundos, ladrões, acéfalos.

Embora mais de um século já tenha transcorrido desde então, muitos afrodescendentes sofrem discriminação por parte daqueles que alegam-se superiores, tanto pela cor da pele quanto intelectualmente, moralmente, numa tentativa branca de inferiorizar os negros.

Os descendentes do europeu colonizador consideram-se intelectualmente superiores ao negro, esquecem-se das oportunidades de crescimento intelectual a eles ofertadas, negadas por séculos aos afrodescendentes. Atualmente, podemos observar que o nível de escolaridade dos indivíduos brancos é muito superior ao dos negros ou pardos, estes, além de sofrerem a discriminação racial, também sofrem a discriminação social, política, econômica.

A literatura, por seu turno, tem se preocupado com essas questões, embora esse conceito de inferioridade seja apregoado, pois, a presença do negro na literatura brasileira surge quase sempre com estereótipos negativos. Os personagens negros da literatura são geralmente vistos como marginalizados, o que evidencia o ponto de vista da ideologia dominante, visão estereotipada, reforçada ao longo do tempo, sendo representado de forma negativa durante o século XIX e início do século XX.

Segundo depoimento das autoras Georgina Martins e Maria Eugênia (2008):

Achamos muito importante que nós, brasileiros, conheçamos a história do continente africano, principalmente a do período em que vários povos africanos foram trazidos para cá como escravos, pois só deste modo poderemos compreender melhor a origem da nossa cultura e da nossa identidade. (MARTINS, 2008, p.54).

Em 1881, o autor Aluísio de Azevedo publica o romance "O mulato". O personagem que titula o romance é Raimundo. Mesmo sendo "branqueado", rico, pois é filho de um homem branco, herdeiro do patrimônio do pai, continua alvo da discriminação, humilhação, devido ao fato da sua mãe ser uma escrava com quem o pai se envolveu, esse envolvimento acarretou em um escândalo aos olhos da sociedade.

Conforme afirma Domício Proença (2004), ao examinar o romance de Azevedo:

Raimundo faz uma severa auto-avaliação, na cena de sua quase renúncia, que só não se consuma por força do determinismo biológico e circunstancial que comanda os comportamentos no romance: - Tens toda a razão... perdoa-me se fui grosseiro contigo! mas que queres? Se soubesses, porém quanto custa ouvir cara-a-cara: "Não lhe dou minha filha porque o senhor é indigno dela, o senhor é filho de uma escrava!" Se dissessem: "É porque é pobre!" que diabo! Eu trabalharia! Mas um ex-escravo, um filho de negra, um mulato! – E como hei de apagar a minha história da lembrança de toda esta gente que me detesta? As palavras do pai de Ana Rosa ecoam na memória de Raimundo, reafirmando sua situação de inferioridade perante a moça: - Recusei-lhe a mão de minha filha, porque és... filho de uma escrava...És um homem de cor.. .Infelizmente esta é a verdade. (PROENÇA,2004,p.03).

Por sua vez, o conto "Negrinha" de Monteiro Lobato, publicado em 1920, evidencia a questão do sofrimento físico e psicológico vivenciado pela criança negra, ocasionados por Dona Inácia, a patroa branca, cristã. Aos olhos da sociedade a senhora Inácia era temente a Deus, zelosa de deveres, enquanto em casa praticava incontáveis formas de crueldade contra a indefesa menina. A criança vivia proibida de brincar para não fazer barulho ou incomodar a patroa. Numa passagem da narrativa em que "Negrinha" levanta-se do seu canto para brincar com as crianças brancas, fascinada pela alegria delas, é brutalmente chamada à realidade:

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?” Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral-sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos-, a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre. (LOBATO, 2008, p.27).

Diferentemente de Raimundo, homem feito, livre, rico, “Negrinha”, a personagem de Lobato, é uma pobre órfã, vítima indefesa da judiação de uma senhora cruel e hipócrita, esta, alegava para a sociedade e junto ao clero a sua constante bondade, ao acolher a menina em sua casa, no entanto a usava para serviços domésticos aliados a inúmeros maus tratos, ainda assim, aos olhos dos parentes e conhecidos, a senhora era intitulada por adjetivos como: caridosa, dedicada, bondosa.

A mulher mulata ou negra é uma figura evidente na Literatura Brasileira, no entanto esta, é sempre percebida como sensual. Na obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, por exemplo, temos as personagens Bertoleza e Rita Baiana, que são caracterizadas com os mais variados estereótipos, retratados desde a promiscuidade até a negação da raça por acharem-se inferiores ao branco. Abaixo observamos um trecho da obra retratando a negra Bertoleza:

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 1998, p.06).

Diante dos fatos a personagem Bertoleza enxergava a cor branca como superior a sua, o europeu aos seus olhos era um ser superior a ela, com isso verificamos a existência da servidão, o enaltecimento do branco, enquanto que o negro servia apenas para serviços domésticos, apelos sexuais. No trecho da obra abaixo evidenciamos a servidão da personagem Bertoleza:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna. (AZEVEDO, 1998, p.07).

Enquanto isso, a mulata Rita Baiana é o oposto na obra, representa uma mulher autônoma, nunca é dominada, porém, não foge do estereótipo da mulher sensual, promíscua, sempre vista como objeto sexual:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris. (AZEVEDO, 1998, p.66).

No final da obra O cortiço, de Aluísio de Azevedo, a personagem Bertoleza descobre a hipocrisia do seu amante João Romão, o mesmo iria casar-se com a filha do barão Miranda por interesses financeiros e status. Com algumas ameaças da concubina, João Romão a denuncia, ordenando sua prisão. Diante deste cenário, Bertoleza reage tirando a própria vida:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém

conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. (AZEVEDO, 1998, p.215).

Bertoleza foi moldada na repulsa daquela estrutura social: desigual, escravagista, hierárquica, excludente, capitalista, patriarcal, preconceituosa. Ela se suicida para não viver na condição de não ser alguém naquele sistema. A liberdade era seu objetivo, não tê-la representava sua condenação.

“Negrinha” como denúncia de uma sociedade ainda muito preconceituosa

O conto “Negrinha”, escrito pelo autor José Bento Renato Monteiro Lobato, publicado em 1920, descreve uma época marcada pelo preconceito racial, ditadura e opressão. A personagem-título é filha de uma escrava. Com a morte desta, passa a ser criada por Dona Inácia, uma senhora rica, habituada ao antigo regime escravocrata. A partir do título desse conto de Lobato percebe-se, pela utilização do sufixo inha, o tratamento depreciativo ofertado à personagem principal no decorrer do conto: “Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (LOBATO, 2008, p.24).

Negrinha - criança órfã, de apenas sete anos, cafuza, nascida na senzala, de mãe escrava -. Passa a viver, depois da morte da mãe, embiocada nos fundos escuros da cozinha da Dona Inácia, deitada em trapos sujos, esteiras rijas, sendo menosprezada por todos. A menina vivia escondida na cozinha com o intuito de não incomodar a dona da casa, uma vez que, esta, apesar de ser uma boa senhora perante a sociedade, não aceitava ouvir barulho de criança chorando. Qualquer fato era motivo para Dona Inácia espancar “Negrinha”, mesmo sem motivo, a criança via-se rodeada por pontapés, tapas, beliscões. As agressões eram um contínuo na vida da pobre órfã.

Em Dona Inácia está uma dualidade: para a sociedade ela é uma senhora bondosa, generosa, de bom coração, que faz caridade cuidando de Negrinha:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteioda religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a Dona Inácia. (LOBATO, 2008. p.24).

Diante da sociedade Dona Inácia representava uma imagem divina, no entanto, dentro de sua casa, ela é maldosa, principalmente para a menina. Fazer a vida da órfã cada dia mais difícil é a alegria de Dona Inácia. A menina era o remédio dela para diminuir a raiva que tinha da escravidão ter acabado, pois anteriormente fora uma senhora de escravos. Assim, têm-se as características ideológicas de senhora: racista, preconceituosa, intolerante, hipócrita. Essa personagem é a representação de uma sociedade mergulhada nos ideias racistas, discriminatórios, que acabavam por colocar à margem os sujeitos, privando-os dos direitos fundamentais de todo cidadão.

A personagem principal é chamada por todos pelo apelido de Negrinha, uma vez que ninguém nunca lhe deu um nome de verdade. Assim, através desse ponto, confirma-se a visão deturpada sobre a personagem, jamais vista como indivíduo, mas como representação de um coletivo. Para eles Negrinha, não era digna nem de ter uma identidade própria, não era um ser

humano, desse modo, apelidavam-na de todo tipo de nomes feios, pejorativos: "Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste..." (LOBATO, 2008. p.25).

Conforme afirma Câmara Cascudo (1985), um nome tem a capacidade de iniciar a existência religiosa e civil de uma criatura, e o sujeito desprovido dele resume-se a apenas uma perspectiva de direitos até que lhe imponham um. Sem o nome não há batismo, documentos, identidade social ou identidade individual, o sujeito não se constitui enquanto tal.

Ao analisarmos as minúcias da construção narrativa de Monteiro, percebemos que: "Lobato situa a história de "Negrinha" em um tempo em que a escravidão havia sido abolida por lei – mas leis não têm força para abolir costumes culturais" (BIGNOTTO, 2006, [s.p.]). "Negrinha" não é apenas uma simples menina negra, mas é a representação de uma classe, de um povo que foi terrivelmente submetido à escravidão, mesmo após o período escravocrata, representado pela sociedade como um marco de liberdade.

Há uma reviravolta no texto quando "Negrinha" passa a conviver com duas sobrinhas de Dona Inácia. As meninas loiras representam o mundo burguês, são descritas como ricas possuidoras de brinquedos caros. Em alguns aspectos assemelham-se à "Negrinha", pelo fato de serem crianças. Todavia, as sobrinhas comportam-se conforme as normas de uma época, de uma classe social:

As meninas admiraram-se daquilo.

– Nunca viu boneca?

– Boneca? – repetiu Negrinha. – Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

– Como é boba! – disseram. – E você, como se chama?

– Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso. (LOBATO, 2008. p.28).

Nesse sarcasmo velado, percebemos a incorporação de um julgamento social, característica esta que "Negrinha" não possuía. Quando a órfã encontra as meninas brincando na sala, entra em contato com outro universo, adquirindo dessa forma uma consciência individual:

Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: "Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?" Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos –, a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre. (LOBATO, 2008. p.27).

A pobre menina entra em outro universo, devido ao conflito consciente em relação a si e ao mundo; é, então, tomada de consciência por ela mesma, cuja voz interior faz reflexões, questionamentos, acerca do seu estado como ser humano. Imediatamente, a menina passa a

demonstrar seus pensamentos: "Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca, nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. – É feita?... – perguntou extasiada." (LOBATO, 2008. p.27). Nesse trecho Lobato põe voz na boca de Negrinha, pela primeira vez no conto, ela assume a consciência, sentindo-se gente: "Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga [...] Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma". (LOBATO, 2008, p. 28, 29). Portanto, a boneca é para a órfã a representação da igualdade, liberdade, humanidade, por isso, quando as sobrinhas vão embora levando consigo a boneca, a menina morre triste, solitária ao se encontrar da mesma forma lastimável como vivia antes.

No texto de Lobato há lutas ideológicas complementando-se, relacionando-se: de um lado está "Negrinha", a representante de um povo que conseguiu a liberdade de uma estrutura escravagista excludente, no entanto, existe outra batalha para travar, buscar inserção dentro da sociedade, construir uma história, buscar um futuro onde os negros tenham direitos assegurados. De outro lado está a personagem Dona Inácia, representante da resistência de uma sociedade hipócrita, inconformada com a nova realidade advinda com o fim da escravidão.

Especialmente no conto "Negrinha" percebe-se aflorar em Monteiro Lobato um crítico social, disposto a denunciar um sistema escravocrata que se prolonga por anos a fio, apesar da abolição da escravatura em 1888, trinta e dois anos antes da produção da obra. O conto apresenta um painel das relações entre o colonizador/colonizado, ou seja, as relações de sujeito/objeto. A narrativa expõe o drama vivido por Negrinha, uma menina nascida na senzala, filha de mãe escrava, que com quatro anos de idade fica órfã de mãe. Como consequência desse fato, torna-se dependente da "caridade" da patroa de sua mãe, que é descrita no conto pelo narrador desse modo:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo. (LOBATO, 2008, p. 24).

Percebe-se que o narrador, ao descrever essa personagem, utiliza adjetivos positivos para caracterizá-la, ou seja, apresenta-a como uma senhora caridosa, religiosa. Ao apresentar Negrinha, o narrador relata: "Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados." (LOBATO, 2008. p.24).

Há nesse trecho uma característica importante de Negrinha: "olhos assustados". Adiante o narrador relata: "Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados." (LOBATO, 2008. p. 24).

Essa descrição de "Negrinha" gera uma contradição no texto: se a patroa, Dona Inácia, é descrita pelo narrador como uma pessoa religiosa, bondosa, como é possível "Negrinha" ser uma criança com "olhos eternamente assustados"? A convivência de Negrinha com uma senhora tão caridosa não deveria trazer tranquilidade, paz, alegria à menina? Por que o susto nos olhos?

Assim, analisamos a constituição da dicotomia sujeito/objeto, dentro do conto revela-se explicitamente na descrição das personagens – Dona Inácia e "Negrinha". Inicialmente, a senhora Inácia não é apresentada pelo nome, mas como a patroa, ou seja, pela posição hierárquica de superioridade em relação à menina. Por outro lado, é ofertado a criança um nome remetendo

à cor da sua pele, demonstrando assim uma forma de inferiorizá-la. Nesse sentido, pode-se afirmar que a patroa é nomeada como sendo o sujeito, uma pessoa de moral, poderosa, culta, religiosa, civilizada, em suma, possuidora de apenas boas características. Enquanto “Negrinha” é retratada de forma oposta, como um objeto, principalmente pela ausência que apresenta: “magra, atrofiada”, “Cabelos ruços, olhos assustados”, destituída de características positivas. Configura-se, desse modo, uma relação desigual entre duas personagens, nos papéis de colonizador/colonizado.

É irônico perceber a ausência de caridade no representante da igreja, nas criadas que também a maltratam e, mesmo nas sobrinhas de D. Inácia que zombam da Negrinha por não conhecer uma boneca, numa demonstração clara da educação elitista que exclui os considerados inferiores, mostrando que “nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador.” (BONNICI, 2009, p. 265).

A alma da “dama de grandes virtudes apostólicas” não era tão pura quanto aparentava socialmente. Se de um lado a abolição da escravatura tirou-lhe o direito de maltratar os escravos, de outro não acabou com sua aversão aos negros. Assim, o narrador busca, através da ironia, denunciar a hipocrisia existente na sociedade e na Igreja da época.

Dona Inácia, para impor-se como sujeito, como a pessoa que detém o poder sobre o outro, proíbe que Negrinha demonstre qualquer tipo de manifestação em face do drama que vive. Primeiramente, a patroa, através do seu discurso, procura impedir o choro da menina, quando esta ainda é um bebê:

Ótima, a Dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:– Quem é a peste que está chorando aí? Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.– Cale a boca, diabo!(LOBATO, 2008. p. 24).

Assim, percebe-se que “Negrinha”, desde o seu nascimento, precisa manter-se afastada da patroa, principalmente quando esta ouvia choro de criança. A menina foi moldada desde cedo para abster-se dos seus sentimentos, anseios, enquanto ser humano, todavia, é importante ressaltar que o choro nunca acontecia por acaso, sentia fome, frio, na maior parte do tempo.

Nestas condições cresce “Negrinha”, e após a morte de sua mãe a situação piora:

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos.(LOBATO, 2008. p.24).

Negrinha, portanto, devia ficar sentada, imóvel, durante horas, sem direito de fala, expressão. A menina pode ser considerada uma subalterna, pois é excluída friamente das ativida-

des sociais, sem o direito de falar, questionar, principalmente sendo impossibilitada de lutar contra os abusos de Dona Inácia, pois dependia diretamente dela para “viver”. Assim, acaba sendo impedida do acesso à cultura ou vida social.

Essa é uma das formas do colonizador sujeito constituir o outro como objeto, ou seja, figurando-o como um ser diferente, inferior a ele. Neste caso, em razão da raça de “Negrinha”, a patroa procura dominar, restringir as atividades humanas e sociais da menina, impedindo-a, com isso, de exercer sua subjetividade. “Negrinha” é vista por Dona Inácia através do prisma do discurso estereotipado colonial – como um ser degenerado, indisciplinado, perigoso, advindo da sua cor. Assim, é a partir dos interesses, conhecimentos da patroa em relação à “Negrinha” que o relacionamento entre elas se efetivará, diferenciando-as.

É notório que “durante o Brasil colônia, a sociedade encontrava-se firmada sob uma estrutura produtiva escravocrata, onde a monocultura, o latifúndio, a figura do senhor de engenho e a do escravo constituíam a base da organização social” (FERNANDES, 1964, p. 31).

No conto, procuramos também analisar sucintamente o motivo que levou a senhora Inácia a ficar com “Negrinha” após o falecimento da mãe da menina:

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim a sinhá!”... (LOBATO, 2008. p.25).

O nome “Inácia” tem etimologia latina, significa: Ardente, ferosa. Com isso percebemos o estado perturbado da Dona Inácia, uma mulher amarga, hipócrita, dissimulada, nomeada como “Dona do mundo” pela sociedade, mas, no entanto, só estava feliz com a infelicidade alheia, sentia prazer em maltratar os negros, as crianças. Devido a sua constante infelicidade, desejava ver o outro infeliz, maltratado, humilhado, condenado. Afinal, ela sente-se superior ao negro, considera uma “indecência o negro igual ao branco”. Assim, sente-se no direito de humilhar, ferir o outro. Conservava “Negrinha” em casa como remédio para sua raiva, ódio, em todas as oportunidades maltratava a menina de forma desumana, cruel, para alívio de suas tensões:

[...] podemos nos dar conta que a violência pode ser explícita, direta ou, então, indireta. Assim, podemos vê-la claramente acontecendo, quando, por exemplo, presenciamos um briga na rua, uma cena de tiroteio na televisão, uma discussão acalorada. Ou quando nos damos conta de sua existência porque percebemos os resultados [...] A violência tem muitas caras, algumas disfarçadas de tradição, outras de moralidade, outras, sem disfarce algum, mas sempre carregadas de algum tipo ou quantidade de poder que lhes permitam violentar em alguma extensão (GROSSI, 2012, p. 51-52).

Mesmo quando “Negrinha” tenta reverter essa situação, o resultado são mais agressões. Há o episódio em que a menina se revolta porque outra criada da casa lhe furta do prato um pedacinho de carne. Demonstrando sua insatisfação, “Negrinha” utiliza um dos seus apelidos, chama a criada de “peste”. Imediatamente vem o castigo maior:

– Eu curo ela! – disse – e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

– Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesma pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca

visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

– Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

– Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

– Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?(LOBATO, 2008. p.26).

Nota-se que a personagem Negrinha é vítima de um sistema opressor, hipócrita, a menina não tem voz, cresce muda, pois nenhum espaço lhe é dado para expressão, pelo contrário, qualquer forma utilizada para fazer-se ouvir é imediatamente bloqueada cruelmente. As palavras lhe são tiradas, nem mesmo um nome digno ela recebe, é chamada por um nome representando a sua cor, mais uma forma de estereótipo. Essa é mais uma das estratégias utilizadas pelo sujeito para objetificar o outro, ou seja, a patroa, ao impedir que Negrinha se expresse, nega-lhe a possibilidade de construir sua identidade através da linguagem.

Em determinado momento, Negrinha consegue enfim enxergar-se como pessoa, não mais como um objeto sem vida, sem alma. Esse momento surge quando duas sobrinhas de Dona Inácia vão passar as férias de dezembro com a tia:

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Do seu canto na sala do trono Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”(LOBATO, 2008. p.27).

Esse instante em que Negrinha levantou-se, é o mesmo instante em que o negro levanta-se contra um sistema opressor, no entanto, é derrubado, silenciado, menosprezado. A vontade de ser gente mexeu com a menina, a mesma desejou ser livre, para brincar, falar, sorrir, sentir. Vieram então às indagações do porque as sobrinhas de Dona Inácia eram livres, felizes e ela não. Mas a resposta veio logo com a violência de Dona Inácia dando-lhe um beliscão no umbigo, mostrando que o lugar dela não era junto às suas sobrinhas, mas sim nos fundos da casa, escondida como um animal.

Mas chega o momento em que Negrinha, enfim, consegue enxergar-se como pessoa, não mais como um objeto sem vida e sem alma. Esse momento surge quando ela tem o seu primeiro contato com a boneca, a menina vê-se em outro mundo, um mundo que não a pertence, mas que a encanta. Através do contato com a boneca Negrinha se dá conta que tem uma alma:

Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la. As meninas admiraram-se daquilo.

– Nunca viu boneca?

– Boneca? – repetiu Negrinha. – Chama-se Boneca? , [...]

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível? Depois, pegou a boneca. E, muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. (LOBATO, 2008. p.28).

No contato com um brinquedo, especialmente com a boneca que possui um simbolismo todo especial para uma menina, “Negrinha” descobre a sua subjetividade, deixa de ser um objeto, uma “coisa”, para se tornar humana. Assim, a partir do momento em que “Negrinha” tem oportunidade de ser criança como as outras meninas, de brincar com uma boneca, é que ela deixa de se ver como um objeto e se percebe como uma criança com sentimentos e com desejos iguais aos das outras crianças.

Nesse instante, “Negrinha” deixa de ter olhos assustados para ter olhos nostálgicos, em outras palavras, ela deixa de sentir medo e torna-se triste. Afinal, ao mesmo tempo em que se percebe como um ser humano e deixa de se sentir inferior a Dona Inácia, “Negrinha” percebe também que não havia espaço para ela desenvolver e construir sua identidade. O refúgio que ela encontra é na sua imaginação, nos seus sonhos, como forma de resgatar sua subjetividade.

Como afirma Bonnici (2000), é na imaginação que o ser oprimido encontra refúgio para amenizar suas dores.

Contudo, ao tomar consciência da sua subjetividade, Negrinha não consegue mais viver como um objeto, por isso acaba morrendo, pois ela não consegue enfrentar sua opressora de outra forma, já que ser negra dentro de uma sociedade na qual essa “raça” só era vista através de uma conotação negativa, significava ser sinônimo de exclusão, ou seja, sem espaço para estabelecer sua alteridade como sujeito.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada. (LOBATO, 2008. p.29).

Nesse sentido, a morte de Negrinha representa também uma estratégia de libertação, provavelmente a única encontrada pela menina para tornar-se efetivamente livre, tornar-se sujeito da sua história e alcançar seus sonhos infantis.

Assim, observando o texto de Monteiro e analisando-o apenas dentro do campo literário, salientamos, por exemplo, inúmeros adjetivos que representavam o caráter animalesco ou coisificação dados a Negrinha, como: peste, diabo, gato sem dono, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo, entre outros. Ao passo que, para D. Inácia, mesmo como ironia, as adjetivações eram de natureza quase divinas: excelente senhora, virtuosa, dama de grandes virtudes, ótima, santa Inácia, etc. Isso tudo marcou as duas personagens, por dessemelhança, em lugares diferentes no contexto da história: Dona Inácia, virtuosa mulher, que, por caridade, deixava a criança viver em sua casa, colocada num patamar quase divino, fora do seu lugar real; Negrinha, um bicho, uma coisa, que servia para aliviar as tensões de Inácia, através dos castigos, e, de resto, era apenas um estorvo, também fora de seu lugar.

No entanto, em função do grande distanciamento entre Negrinha e Dona Inácia, essas dessemelhanças não produziam tanto sentido na vida da criança. Isso porque era a única na casa. Dessa forma, a menina tinha a percepção de que criança era tratada assim, pois não havia outro referencial além dela. Porém, em determinado momento da história, Dona Inácia recebe a visita de duas sobrinhas suas, “pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas”. (LOBATO, 2008. p. 27).

A partir desse acontecimento o referencial muda, Negrinha começa a perceber a materialidade da opressão.

As sobrinhas de Dona Inácia irromperam pela casa no ímpeto festivo de crianças em plena infância. Negrinha, num primeiro momento, esperou que a senhora as castigasse. O que não aconteceu. Por semelhança, ela então “levantou-se e veio para a festa infantil”, afinal, parecia que não era mais crime brincar, parecia que tudo teria mudado. Mas, por dessemelhança, a pobre criança recebeu a mais dura lição da desigualdade humana, ao ser afastada por Dona Inácia das outras meninas: “Já para seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

A maior marca dessa desigualdade veio quando Negrinha viu, pela primeira vez, uma boneca. As sobrinhas de Dona Inácia quase não acreditaram que a menina nunca tinha tido contato com tal brinquedo. Foi a única vez que lhe foi permitido brincar verdadeiramente. A partir dessa aproximação do universo das outras meninas, Negrinha, por semelhança, teve a grande descoberta de sua vida:

“Negrinha” percebeu, no contato com a boneca, que tinha uma alma. Sentiu-se naquele instante como um ser humano que deseja o mundo, deseja viver, sorrir, sentir, falar. No entanto, o sistema opressor não permitiu a liberdade da menina, diante da consciência que obteve naqueles instantes, acabou morrendo de tristeza por saber que não havia lugar para ela naquele contexto.

Assim, Monteiro Lobato ao caracterizar Negrinha com adjetivações de animal e coisa situou o leitor no lugar social de opressão onde essa criança vivia. Essas marcas textuais foram úteis no momento da comparação com as outras personagens, pelo aspecto de dessemelhança no tratamento entre elas. Ao mesmo tempo que a semelhança, que ocorre no momento em que Negrinha brinca como as outras crianças, trouxe para a menina a descoberta de ser também humana. O contraste gerado dessa vivência e de seu lugar social desencadeou na sua morte, melancólica morte, morte de tristeza.

Sendo assim, a partir da materialidade do texto, pode-se perceber essas nuances nas transformações interiores de Negrinha. Dentro de uma linguagem crua e violenta, Lobato foi extremamente eficiente na denúncia de um preconceito desumano, que não seria percebido pela personagem, caso os contrastes não fossem evidenciados através das palavras. Assim a Literatura exerce seu papel na sociedade, assim ela deve ser estudada, de acordo com o seu objeto específico de estudo – à estética da linguagem verbal, ou ainda, literalidade. O resto são apenas especulações e transversalidades.

Análise do conto “Os negros”

O conto “Os negros”, publicado em 1922 por Monteiro Lobato, é o mais extenso da coletânea Negrinha. Contém vinte e seis páginas, dividido em vinte e dois capítulos. Descreve à trágica história de amor entre a filha de um fazendeiro e um empregado português.

Na narrativa, o protagonista, na companhia do seu amigo Jonas, para no meio de uma viagem a cavalo pelo interior, na casa de Adão, um negro ex-escravo, que lhes oferece pouso. Sem espaço em seu barraco, todos vão dormir na casa grande da fazenda, abandonada, amaldiçoada. Durante a noite, Jonas é possuído pelo espírito do jovem Fernão, um português pobre, funcionário da fazenda no tempo da escravidão, que teve um romance escondido com a filha do patrão, o temível Capitão Aleixo. Isabel, a filha do capitão, acabou mandada para a corte, com isso, enlouqueceu, longe de seu amado. A escrava Liduína ajudou o casal, por esse motivo foi morta a relho. O jovem Fernão foi emparedado vivo. Depois do transe, Jonas de nada se lembrava, de modo que ficou só na memória do narrador a história da tragédia dos jovens amantes.

Esta narrativa, semelhante ao conto "Negrinha", é digno de nota, pois evidencia a discordância do autor em relação à discriminação racial, denuncia o aviltamento dos negros no Brasil, fruto de nossa história escravagista.

O conto reúne diversos estereótipos. Um dos mais recorrentes nesse texto é o do negro rude cativo do campo, desprovido da inteligência. O destaque maior é dado à ideia de que o negro existe para obedecer, submeter-se, uma vez que tem a alma servil. Os trechos a seguir dão a dimensão dessas características: "– Tio Bento, pra servir os brancos.– Tio Bento há de arranjar-nos pouso por esta noite." (LOBATO, 2008. P. 69).

No estudo sobre Pluralidade Cultural, dois assuntos merecem destaque maior: desigualdade social/discriminação, afinal, trata-se de dois males que promovem continuamente a exclusão social marcada em nossa sociedade, impedindo os indivíduos brasileiros de terem os mesmos direitos, as mesmas oportunidades:

Ambas, desigualdade social e discriminação, se articulam no que se convencionou denominar "exclusão social": impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e de participação na gestão coletiva do espaço público — pressuposto da democracia. Por esse motivo, já se disse que, na prática, o Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios. Os privilégios, por sua vez, assentam-se em discriminações e preconceitos de todo tipo: socioeconômico, étnico e cultural. Em outras palavras, dominação, exploração e exclusão interagem; a discriminação é resultado e instrumento desse complexo de relações. (PCN, 2001, p. 19).

No texto aparece reforçado o vazio social do negro: sem família, sem bens próprios, ele assemelha-se aos bichos do mato, conforme citou:

O melhor é acomodar-nos na casa grande, que isto cá não é casa de bicho-homem, é ninho de cuitelo. (LOBATO, 2008. p.70). [...] O negro, que não parava de falar, dizia agora de sua vida ali.

– Morreu tudo, meu branco, e fiquei eu só. Tenho umas plantas na beira do rio, palmito no mato e uma paquinha lá de vez em quando na ponta do chuço.

Como sou só...

– Só, só, só?

–“Suzinho, suzinho!” A Merência morreu, faz três anos. Os filhos, não sei

deles. Criança é como ave: cria pena, avoa. O mundo é grande – andam pelo mundo avoando... (LOBATO, 2008, p.71).

Evidencia-se o estereótipo da submissão, do negro bom, trabalhador, fiel ao branco, disposto a qualquer sacrifício para agradar o mesmo, como se pode observar:

Contente de ser-nos útil, Tio Bento sobraçou a quitanda e deu-me a levar o candeeiro. (LOBATO,2008,P.74).

– Era mau, meu branco, como deve ser mau o canhoto. Judiava da gente à toa, pelo gosto de judiar. No começo não era assim, mas foi piorando com o tempo. (LOBATO,2008,P.77)

Ninguém, entretanto, estranhava aquilo. Os pretos sofriam como predestinados à dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos. O sentimento de revolta não latejava em ninguém. (LOBATO, 2008, P. 97).

Na penúltima transcrição, vê-se a figura do negro digno de compaixão, indefeso, sem nenhuma ação concreta de autodefesa, como se os castigos recebidos pertencessem à ordem natural das coisas, de forma que, assim, ele os compreendia.

Com isso, examinamos que o autor Monteiro Lobato não foi, em nenhuma medida, racista nesses textos analisados, ele trouxe à tona os costumes de uma sociedade arraigadamente patriarcal, racista, intolerante, opressora. Torna-se relevante ainda comentarmos a existência ainda de uma lei que pressupõe a criminalização do preconceito racial no país:

Lei nº 1.390/1951, que tornou contravenção penal a “prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor”, e culminou na determinação pela Constituição de 1988 de que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (art. 5º, XLII).

Ressaltamos que, se o Brasil conseguiu pensar essa pena, que é a maior do mundo hoje para racismo, é porque realmente nós estamos lidando com um país profundamente racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos responder, por meio desta pesquisa, ao problema que motivou a mesma: “A opressão e preconceito”, dois males que afetam a sociedade desde a era colonial e escravocrata até os dias atuais, trazendo assim, diversas consequências, como a intolerância, violência e guerra.

Ao longo desse trabalho, percebemos que nos contos “Negrinha” e “Os negros” (1920), de Monteiro Lobato, retrata-se as cruéis formas de tratamento, que manifestaram-se pela cor da pele. O negro era visto como um “objeto” perante a sociedade, “objeto” este que deveria ser menosprezado, domesticado, escravizado, até o último suspiro. O preconceito racial inicia-se a partir da ideia incorreta da superioridade de um determinado grupo sobre outro, advindo em razão da cor da pele. A falta de leitura crítica leva à aceitação desse mito. Desse pensamento preconceituoso surgem atitudes violento-discriminatórias, ocorrendo de forma explícita ou implícita em inúmeros ambientes.

A análise dos contos revelou a posição do narrador diante do drama vivido pelos personagens “Negrinha” e “Adão”. O narrador utilizou-se da ironia para desmascarar a sociedade hipócrita da época, que pretendia demonstrar ser fundamentada na religião, na cristandade, porém, características e atitudes, demonstravam cultivar valores totalmente colonizadores, desumanos, dominadores e preconceituosos em relação ao outro.

Ninguém nasce preconceituoso, nenhuma criança nasce preconceituosa, para formar um preconceituoso é necessário ensiná-lo a ser, através do currículo formal direto e através do exemplo indireto. A esperança final é que, se a sociedade fez um preconceituoso, podemos desfazer. Ser racista não é apenas um crime, uma ofensa ética, é um sinal claro de limitação

intelectual.

O que objetivamos, por fim, nesse trabalho foi investigar detidamente como a imagem do negro é construída nos contos “Negrinha” e “Os negros” de Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

BIGNOTTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. Campinas: IEL/Memória, 2006.

BONNICI, Thomas. Conceitos-chave da teoria pós-colonial. Maringá, PR: Eduem, 2005.

DARINI, Gislane. O preconceito racial no conto Negrinha, de Monteiro Lobato.

Disponível em: <<http://lacerdaletras.blogspot.com.br/2016/12/o-preconceito-racial-no-conto-negrinha.html>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

LOBATO, Monteiro: Contos completos. – São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

MACHADO, Serafina Ferreira. Solano Trindade : a poesia como arma humanizadora. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/4768/4768>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

BARBOSA, Tatiana Pereira. A Visão do Negro na Literatura de Monteiro Lobato. 2010. Disponível em: <<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/A%20VIS%C3%83O%20DO%20NEGRO%20NA%20LITERATURA%20DE%20MONTEIRO%20LOBATO%20-%20TATIANA%20PEREIRA.pdf>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. São Paulo: Unicamp, 1998. Disponível em: Acesso em: outubro de 2019.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. São Paulo: Scielo Brasil 2004.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro à sociedade de classes. 1964. Tese (Cadeira de Sociologia) - Faculdade de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, e Letras da Universidade de São Paulo.

CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na literatura Brasileira. Novas Perspectivas, v.7 nº0, 2004b.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

BRAGA, Patrícia Colavitti. O ensino de Literatura na era dos extremos. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 03- n.05 - 2º Semestre de 2006. Acesso em 28/10/2019.

CAMPEDELLI, Samira. Literatura História & Texto 3,5ª edição – 1997.

MARTINS, Georgina. Minha família é colorida. 1. ed. São Paulo: SM, 2005.

BRASIL, Constituição Federal, 1988.

AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. São Paulo: Editora Escala, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Colégio de Aplicação. Disponível em:< <http://www.uel.br/aplicacao/pages/o-aplicacao/historico.php>>. Acesso em: 20 outubro, 2019.

CAMINHA, Pero Vaz. A carta de Pero Vaz de Caminha. Biblioteca Nacional: RJ, Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf, acesso em 05/10/2019, as 11:24.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. Campinas: IEL/Memória, 2006.

Gamificação: recurso didático para auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de língua portuguesa

Carlos Ranieny Pereira Rocha

Graduado em Sistemas de informação pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e Especialista em LIBRAS (FAVENORTE).

Joeli Teixeira Antunes

Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Mestre em Estudos literários – PPGL/UNIMONTES e Especialista em Libras com Ênfase em Interpretação (UNIMONTES).

DOI: 10.47573/aya.88580.3.1.2

Resumo

Esse trabalho teve como objetivo verificar a eficácia do uso da gamificação como recurso didático para auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa em uma sala de aula da Escola Estadual X, na cidade de Almenara, partindo dos seguintes problemas: como o professor deve trabalhar o conteúdo de Língua Portuguesa de forma que alcance o aluno surdo? Quais metodologias podem auxiliar o professor? Para responder a tais questionamentos, fizemos uma breve abordagem teórica embasada nos autores Almeida Filho (1993), Bizon e Patrocínio (1997), Zanillo (2010), Oliveira, et al. (2015), dentre outros. Esses autores apontam a importância da gamificação como estratégias que podem ser usadas em sala de aula. Realizamos também a intervenção, em uma turma do 6º ano do ensino fundamental com 28 alunos ouvintes e 02 alunos surdos, por meio da qual comprovamos nossa hipótese de que como uso da gamificação o aluno consegue ter uma melhor aquisição do conhecimento. Os resultados dessa análise de dados foram satisfatórios, pois conseguimos alcançar os objetivos propostos e mostrar a eficácia da gamificação como recurso didático para auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: gamificação. surdo. ensino-aprendizagem. português.

Abstract

This study aimed to verify the effectiveness of using gamification as a didactic resource to help deaf students in the teaching-learning process in Portuguese language classes in a classroom at State School X, in the city of Almenara, starting from the following problems: how should the teacher work the Portuguese language content in a way that reaches the deaf student? What methodologies can help the teacher? To answer these questions, we made a brief theoretical approach based on the authors Almeida Filho (1993), Bizon and Patrocínio (1997), Zanello (2010), Oliveira, et al. (2015), among others. These authors point out the importance of gamification as strategies that can be used in the classroom. We also carried out the intervention, in a class of the 6th year of elementary school with 28 hearing students and 02 deaf students, through which we proved our hypothesis that using gamification the student can have a better acquisition of knowledge. The results of this data analysis were satisfactory, as we were able to achieve the proposed objectives and show the effectiveness of gamification as a didactic resource to help deaf students in the teaching-learning process in Portuguese language classes.

Keywords: gamification. deaf. teaching-learning. portuguese.

INTRODUÇÃO

Quando se ensina a segunda língua para o surdo, é necessário ter em mente que diversos são os fatores que interferem na aprendizagem da 2ª língua para o surdo, dentre eles idade, cognição, língua nativa, input, domínio afetivo e experiência educacional, as atitudes, motivações, bloqueios, grau de identificação ou tolerância com a cultura-alvo, capacidade de risco e níveis de ansiedade (ALMEIDA FILHO, 1993.). Além disso, também é relevante considerar que cada aluno tem um estilo diferente de aprendizagem que conformam características próprias e individuais de cada aprendiz e que pode sofrer influência de sua classe social, seu grupo familiar, entre outros. Esses aspectos devem ser considerados no momento de pensar sobre o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (LP) aos surdos.

Cabe ao professor levar em consideração a funcionalidade que a língua deve ter para os sujeitos. O processo de ensino-aprendizagem de uma língua deve ser pensado a partir de uma abordagem comunicativa, não havendo uma preferência para sua estrutura gramatical, mas sim para a interação comunicativa contextualizada e funcional para que o aluno, partindo dela, possa apropriar-se dos conceitos gramaticais pertinentes à língua-alvo. Neste caso, as construções comunicativas ocorrem a partir de situações de interesse dos aprendizes, de forma funcional e contextualizada, descentralizando da prática da forma e, assim, tornando o aprendizado mais efetivo e significativo. (BIZON, 1997; PATROCÍNIO, 1997).

E sendo a Gamificação um recurso atrativo, inovador e que traz dinamismo para as aulas elaboramos e aplicamos um projeto de intervenção, no qual utilizamos tal recurso ao ministrarmos uma aula sobre o uso dos homônimos em que trabalhamos tal conteúdo de maneira mais dinâmica ao explorar a Gamificação, recurso que envolve o lúdico tornando as aulas de Língua Portuguesa mais atrativas para os alunos surdos. De acordo com Oliveira, *et al.* (2015, p.4), “[...] a gamificação corresponde ao uso de mecanismos de jogos orientados ao objetivo de resolver problemas práticos ou de despertar engajamento entre público específico”. Essa característica da gamificação é primordial para motivar determinados públicos, daí advém sua eficácia no contexto escolar, e especificamente nas aulas de Língua Portuguesa para alunos surdos.

GAMIFICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sobre o uso da Gamificação nas aulas de Língua Portuguesa contamos, principalmente, com os estudos de Zanello (2010), especificamente o artigo intitulado “Sobre o fenômeno da gamificação: Contribuições para o desenvolvimento de atividades lúdicas no Ensino de Língua Portuguesa”, o qual mostra metodologias inovadoras para se trabalhar a gamificação na sala de aula citando os estudos das seguintes obras: Bransford, Cocking and Brown (2010), Lobato (2003) e Vicente e Pilati (2013).

O interesse em elaborarmos e aplicarmos esse projeto em uma sala de aula do ensino regular que tem em seu corpo discente alunos surdos, surgiu a partir de uma conversa com professores sobre a Gamificação, em que percebemos a possibilidade de tornarmos as aulas de português mais atrativas e inovadoras, pois os alunos surdos não se interessam pelo formato de aula tradicional no qual o visual é pouco explorado.

Aplicamos o projeto de intervenção na Escola Estadual X, com objetivo de verificarmos

a eficácia do uso da gamificação como recurso de ensino aprendizagem nas aulas de português em uma sala de aula com dois alunos surdos. Escolhemos uma turma do 6º ano do ensino fundamental com 30 alunos, no turno vespertino, aplicamos o jogo da memória (Memória dos Homônimos).

De acordo com o PPP da escola, segue algumas informações importantes: a Escola Estadual X recebeu esse nome em homenagem ao senhor X, que residiu e empenhou na emancipação de Almenara. O mesmo era seleiro e posteriormente tornou-se delegado. Nos anos de 1996 e 1997 esta escola ofereceu Ensino Fundamental de 1ª à 8ª série e o Ensino Médio Geral. Em 1998 e 1999, ofereceu apenas o Ensino Fundamental de 1ª à 8ª série, nos turnos matutino e vespertino e no turno noturno, o Projeto Acertando o Passo. Em 2000, reiniciou o Ensino Médio, cuja funcionalidade se mantém até hoje. Em 2008, passou a oferecer o Curso Normal de Nível Médio e em 2012 o Curso Técnico em Informática e a partir de 2013 a escola tem na modalidade Telessala para alunos em defasagem em idade e série. No mês de agosto de 1998, a tipologia foi mudada para R.O.4.0.C.3, em 2000 para R.O.4.5.C.3 e em 2010 para R.O.4.5.B.3, tipologia atual.

A partir dos dados apresentados no diagnóstico, percebemos que os alunos da Escola são filhos de trabalhadores, assalariados e de nível socioeconômico baixo. Eles têm acesso à televisão, celulares e rádio como meios de informação. Alguns têm também computadores e internet em casa, alguns dos alunos fazem uso constante de aparelhos celulares no ambiente escolar, sendo utilizados como aparelho para ouvir músicas e máquina fotográfica. Quanto ao exercício da leitura de livros, revistas e outros materiais impressos em grande parte se restringem apenas ao ambiente escolar.

Notamos ainda que parte dos alunos não apresenta interesse pelas atividades escolares, nesse sentido percebemos a falta de perspectivas de futuro para esses alunos. Quando se refere ao perfil do aluno vale ressaltar outro fato bem relevante que é a educação inclusiva, que para a Escola significa educar todos os alunos em um mesmo contexto escolar. Desta forma, a escola por ser inclusiva atende alunos com necessidades especiais.

A realidade social dos alunos da escola é observada com o objetivo de alinhar estratégias que visem alcançar bom êxito através de métodos e metodologias que serão construídas coletivamente. A Escola Estadual X acredita que a aprendizagem acontece em um ambiente de afetividade, por isso prioriza um ensino de qualidade, em que cada aluno construa seu conhecimento, sendo valorizadas e respeitadas suas características, limitações e potencialidades, como também as de todos os envolvidos no processo. O fazer da escola está embasado num modelo de aprendizagem dinâmico, interativo no qual o aluno é o centro de todas as atenções e o professor o mediador do processo.

A Escola defende a ideia de que a verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno constrói e reconstrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitar agir e reagir diante da realidade. A Escola Estadual X tem como visão ser escola referência para as demais escolas do município de Almenara e de Minas Gerais, com práticas pedagógicas inovadoras e com intervenções diferenciadas para atender alunos com dificuldades de aprendizagem e também atende alunos surdos. Então, neste contexto escolar aplicamos o projeto de intervenção.

Para realização deste trabalho, primeiro realizamos leituras e fichamentos de livros e artigos que versam sobre o tema em questão, com a intenção de: obter um maior conhecimento sobre o conceito de gamificação; verificar como a crítica literária discute a importância de se utilizar a gamificação como recurso didático e descrever a necessidade de se utilizar tal recurso nas aulas de Língua Portuguesa para surdos.

Em um segundo momento realizamos a intervenção, na primeira aula observamos uma aula ministrada pela professora sobre o uso de palavras homônimas e posteriormente ministramos o mesmo conteúdo utilizando os recursos da gamificação, especificamente, o jogo da memória, que seguiu os seguintes passos: primeiro escolhemos o jogo. Posteriormente, formulamos 5 questões discursivas que foram aplicadas após realização da atividade com o jogo, com o objetivo de observarmos se os alunos compreenderam o conteúdo e a opinião dos mesmos sobre a estratégia utilizada. Em um terceiro momento realizamos a tabulação dos dados e apresentamos o resultado em 2 gráficos. Na aplicação do projeto utilizamos os seguintes materiais: cartolina, papelão, canetinha (para montar o jogo da memória) e papel A4 para impressão das atividades avaliativas.

A intervenção foi realizada em duas aulas, uma em cada dia. Na primeira aula, observamos a professora explicar o uso dos homônimos para a turma, neste momento percebemos que a maioria dos alunos tiveram muitas dúvidas em relação ao conteúdo, pois alguns não estavam atentos, a professora tentou explicar a todos de forma clara e específica, auxiliando-os no entendimento das palavras. Em seguida a professora aplicou uma atividade a fim de verificar aprendizagem dos alunos (recolhemos as atividades para posteriormente fazermos uma comparação com a atividade que aplicaríamos na aula seguinte). Era uma turma de pouca conversa e pouco interesse nas atividades que o professor passava. Os dois alunos surdos demonstraram mais dificuldades para entender a explicação, justamente pelo fato da necessidade de o professor pensar em estratégias que envolvam o concreto, as imagens.

Na segunda aula, com o auxílio da professora aplicamos o jogo da memória (Memória dos Homônimos), com o objetivo de observarmos se com essa metodologia conseguiríamos obter a participação dos alunos e conseqüentemente uma melhor aquisição do conteúdo. Então dividimos a turma em dois grupos e colocamos duas mesas no centro da sala. Em cada mesa colocamos de cabeça para baixo os pares, um contendo a palavra e outro uma ilustração referente ao seu significado. Cada aluno vira duas cartas tentando formar um par, se conseguir, tem direito a mais uma jogada, caso contrário, passa a vez para o outro aluno. Vence o grupo que fizer o maior número de pares, tivemos o cuidado de colocar um aluno surdo em cada equipe. De posse dos pares, as duplas reorganizavam as cartas, formando os pares de homônimos e discutindo o significado com os outros alunos.

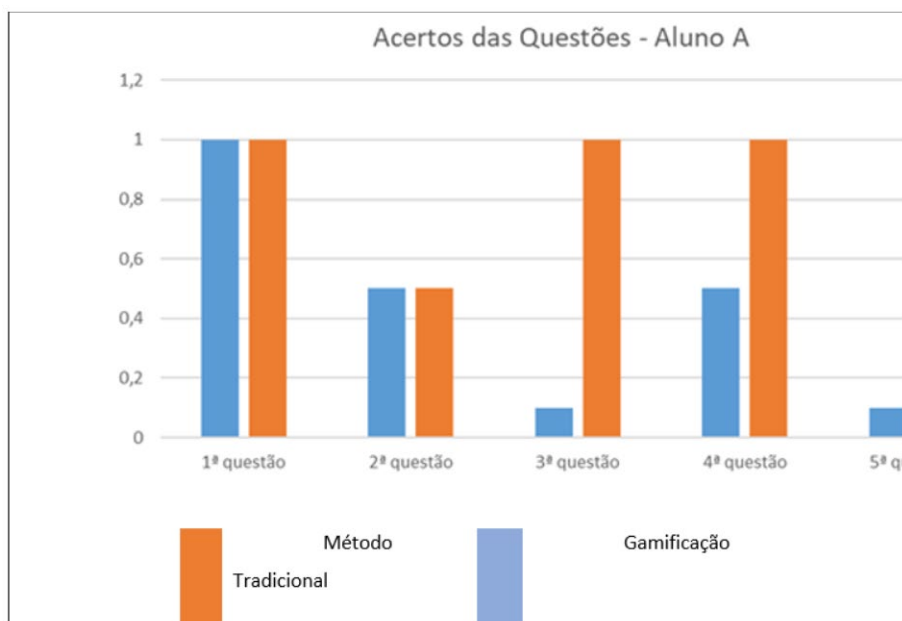
Observamos que os dois alunos surdos participaram da atividade demonstrando interesse pelo jogo, assim como os outros alunos. De um dia para o outro os alunos surdos tiveram tempo de assimilar as duas metodologias para trabalhar o conteúdo e dizer qual delas os interessava mais. Depois entregamos as atividades e recolhemos, dá mesma forma que fizemos na aula anterior. Tiveram questionamentos também, mas foram poucos, os alunos estavam agitados em responder as questões.

Como nosso interesse era verificar a eficácia da gamificação como recurso didático para auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem nas aulas de língua portuguesa,

foram escolhidas as respostas dos dois alunos surdos para fazermos uma comparação das metodologias, em qual houve mais aprendizagem. Os dados coletados foram analisados de acordo com as respostas dadas de cada um. Esses alunos foram chamados de Sol e Astro. Nos gráficos 1 e 2 apresentamos os dados sobre o desenvolvimento dos alunos ao responderem aos questionamentos sobre o conteúdo ministrado.

No Gráfico 1, temos registro dos acertos referentes aos questionamentos sobre o uso das palavras homônimas, percebemos que o aluno A, obteve um melhor desempenho ao responder aos questionamentos que foram aplicados depois da aula utilizando o jogo da memória (Memória dos Homônimos).

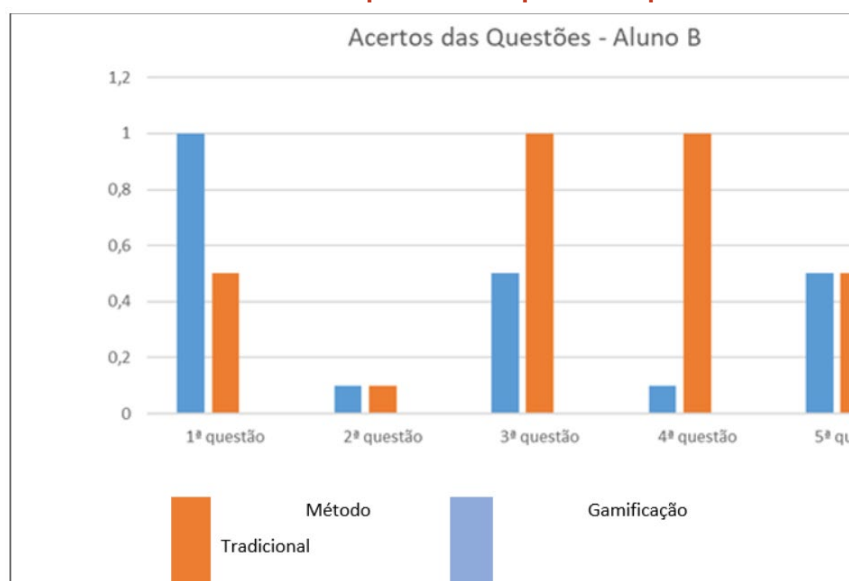
Gráfico 1 - Acertos das questões respondidas pelo aluno A



Fonte: autoria própria

No Gráfico 2, temos registro dos acertos referentes aos questionamentos sobre o uso das palavras homônimas, percebemos que o aluno B, obteve um melhor desempenho ao responder aos questionamentos que foram aplicados depois da aula utilizando o jogo da memória (Memória dos Homônimos).

Gráfico 2 - Acertos das questões respondidas pelo aluno B



Fonte: autoria própria

No Gráfico 2, temos registro dos acertos referentes aos questionamentos sobre o uso das palavras homônimas, percebemos que o aluno B, obteve um melhor desempenho ao responder aos questionamentos que foram aplicados depois da aula utilizando o jogo da memória (Memória dos Homônimos).

Pela análise dos dois gráficos, podemos dizer que a gamificação como recurso pedagógico chama e prende mais a atenção do aluno surdo facilitando sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No projeto de intervenção aplicado foi possível comprovarmos nossa hipótese de que os alunos surdos demonstram mais interesse pelo conteúdo, quando este é trabalhado de maneira mais dinâmica explorando a Gamificação, recurso que envolve o lúdico tornando as aulas de Língua Portuguesa para surdos mais atrativas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Sueli de Fátima. Aprendizagem e suas implicações no processo educativo. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconletras/artigos/volume6/aprendizagem-e-suasimplicacoes.pdf>. Acessado em 28/08/2018.

ALVES, Fábio Pereira; MACIEL, Cristiano. A gamificação na educação: um panorama do fenômeno em ambientes virtuais de aprendizagem. Conference Paper · Novembro, 2014.

FARDO, Marcelo Luis. A gamificação como estratégia pedagógica: estudo de elementos dos games aplicados em processos de ensino e aprendizagem. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

FERNANDES Sueli, MOREIRA Laura Ceretta. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. Revista Educação Especial, v. 22, n. 34, maio/ago. 2009.

Disponível em < <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/275>> Acesso em 14 jun. 2018
<http://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1968> Acesso em 17 set. 201

NEGREIRO, Janaina Delmiro Vidal de; *et al.* Gamificação na Educação: conceitos e aplicações pedagógicas. 2017. Disponível:[https:// editorarealize.com.br](https://editorarealize.com.br). Acessado em em 28/08/2018.

OLIVEIRA, Cássia Joene Sobreira de. A responsividade em atividades de leitura mediadas por objetos de aprendizagem (AO): uma análise comparativa. UECE, Fortaleza, 2015.

PEREIRA, M. C. C. Aquisição da língua portuguesa escrita por crianças surdas. Anais do Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa – SIELP. Volume 1, número 1. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011a, p. 610-617.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. Educação de surdos. A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.

SKLIAR, Carlos (Org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

ZANELLO, Luiza Rodrigues. Sobre o fenômeno da gamificação: contribuições para o desenvolvimento de atividades lúdicas no ensino de língua portuguesa. Brasília, UNB, 2013.

Índice Remissivo

A

africanos 16, 19
alimento 18
aluno 9, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40
alunos 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41
aprendizagem 9, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41
atitudes 16, 30, 36
atividades 8, 15, 24, 25, 36, 37, 38, 41
aulas 9, 33, 34, 36, 37, 38, 40

B

branca 13, 17, 19, 20
brancos 17, 18, 19, 29, 30
Brasil 4, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 25, 29, 30, 31
brasileira 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31
brasileiro 14, 15, 16

C

castigo 22, 25, 26
colonial 8, 11, 12, 25, 30, 31
coloquial 14, 15
crianças 15, 17, 19, 22, 25, 27, 28, 41
cristão 16
cristãos 16
cruéis 9, 11, 30
cruel 12, 20, 22, 25, 26
cultura 13, 16, 17, 18, 19, 25, 36, 41
cultural 14, 16, 17, 29

D

desigual 17, 21, 24
desigualdade 14, 16, 20, 22, 26, 28, 29
didático 9, 33, 34, 38
dinâmico 37

domesticado 9, 11, 30

domésticos 20

E

econômica 17, 19

econômicas 15, 18

educacional 4, 36

ensino 9, 16, 18, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41

ensino fundamental 34, 37

escrava 13, 14, 19, 21, 23, 29

escravatura 14, 18, 23, 24

escravidão 16, 17, 18, 21, 22, 23, 25, 29

escravizado 9, 11, 30

escravizados 16

escravos 14, 18, 19, 21, 24, 25

européu 16, 17, 19, 20

F

formação 17, 18

G

gamificação 9, 34, 36, 37, 38, 40, 41

governo 14

H

heroínas 17

heróis 17

história 13, 16, 18, 19, 22, 23, 27, 28, 29

históricas 15

homem 16, 19, 20, 29

I

identidade 16, 19, 21, 22, 26, 27

igualitária 18
infantil 11, 15, 17, 22, 26, 28
intelectual 13, 14, 19, 31

J

jovens 17, 29
justa 11, 18

L

liberdade 18, 21, 22, 23, 28
língua 9, 32, 33, 36, 38, 41
linguagem 14, 26, 28, 41
língua portuguesa 32, 33, 38, 41
literatura 8, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 31
lúdico 36, 40

M

mãe 15, 19, 21, 23, 24, 25
menina 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28
Monteiro Lobato 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19,
21, 23, 28, 30, 31, 32
morte 13, 21, 24, 27, 28
mulheres 13

N

narrativa 13, 17, 19, 22, 23, 29
nativa 36
natureza 13, 27
negra 13, 17, 19, 20, 22, 27
Negrinha 8, 11, 12, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31
negro 9, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 29,
30, 31
negros 9, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24,

25, 28, 29, 30, 31

O

opressão 8, 10, 11, 13, 21, 28, 30

órfã 20, 21, 22, 23

organização 25

P

pedagógico 40

pele 9, 11, 13, 16, 18, 19, 23, 24, 30

personagem 13, 17, 19, 20, 21, 23, 26, 28

peças 15, 18

políticas 15, 18

português 20, 28, 29, 34, 36, 37, 41

preconceito 8, 10, 11, 13, 16, 18, 21, 28, 30, 31

primordial 36

R

raciais 18, 31

racial 13, 16, 18, 19, 21, 29, 30, 31

racista 18, 21, 30

realidade 14, 15, 17, 19, 23, 37

recurso didático 9, 33, 34, 38

reflexões 15, 18, 22, 40

S

serviços 20

simples 14, 22

sociais 13, 14, 15, 16, 18, 25

social 8, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25,
28, 29, 36, 37

sociedade 8, 9, 11, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22,
23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31

socioeconômico 29, 37

surdo 9, 33, 34, 36, 38, 40
surdos 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41
suspiro 9, 11, 30

T

tendências 14
trabalho 18, 30, 31, 34, 38
tratamento 13, 21, 28, 30
tratamentos 9, 11
tristeza 28

U

universo 16, 22, 28

V

vida 13, 14, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 28, 29

Organizadores

CARLOS RANIENY PEREIRA ROCHA

Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e pós graduado em LIBRAS pelas Faculdades Favenorte. Possui experiência em desenvolvimento de sistemas para acessibilidade a pessoa surda. Atua como professor no Departamento de Comunicação e Letras (Unimontes).

HÉLEN CRISTINA PEREIRA ROCHA

Doutoranda em Letras/ Estudos literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestre em Letras/ Estudos literários pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES (2012) e graduada em Letras/Português (2009). Tem experiência no ensino e na pesquisa na área de Letras atuando principalmente na investigação dos seguintes temas: Língua portuguesa, Língua portuguesa e ensino, Teoria da literatura, Literatura Brasileira, Literatura de Minas, Guimarães Rosa, Relações de Poder, Relações Étnicas, Gênero e Alteridade.

JOELI TEIXEIRA ANTUNES

Mestra em Letras Estudos Literários (Unimontes); Especialista em Libras com Ênfase em Interpretação (Unimontes), Especialista em Mídias na Educação (Unimontes), Especialista em Educação a Distância (Unimontes); Especialista em Linguística: Leitura e Produção Textual (Faculdades Santo Agostinho); Especialista em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva (IFNMG); Graduada em Letras Português (Unimontes); Graduada em Letras/Libras (IFNMG). Atua como professora no Departamento de Estágio e Práticas Escolares (Unimontes) e no Departamento de Comunicação e Letras (Unimontes).



FIÇÃO E APRENDIZAGEM: O caso Lobato e o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos

Carlos Ranieny Pereira Rocha
Hélen Cristina Pereira Rocha
Joeli Teixeira Antunes
(Organizadores)



AYA EDITORA
2021